

Nas primeiras décadas do século XX, a dinâmica da modernização mostrava-se cada vez mais acelerada. Mas, lamentavelmente, era acompanhada pelo acirramento da poluição das minhas águas e a de outros rios e córregos da região. Assim, em 1914, foi inaugurado o ramal da Estrada de Ferro Central do Brasil ligando Ouro Preto a Mariana, num esforço das elites políticas regionais em aproximar o município das tecnologias industriais. Todavia, em Barra Longa, a ferrovia só chegou em 1926, e além disso as três estações de trem dessa cidade ficavam a quase 20 quilômetros de distância do centro urbano, por determinação de forças políticas do município.

Quase simultaneamente, em 1921, foi a vez da construção da estação rodoviária de Mariana, no mesmo estilo moderno da capital Belo Horizonte (COSTA, 2012). Nesse meio-tempo, foi instalada a luz elétrica na cidade. A partir de 1942, meu curso d'água foi aproveitado para geração dessa energia através da construção de uma pequena central hidrelétrica, a de Bicas, situada no distrito de Camargos, em Mariana. Lentamente, chegava também a esta cidade a rede de telefonia; pequenas fábricas foram igualmente abertas, a culminar, na década de 1930, com a fundação da fábrica de tecidos São José (COSTA, 2012).

Em termos econômicos, a mineração conheceu um novo surto de crescimento, fosse na continuidade da extração aurífera, fosse na retirada de outros metais. Assim, em Mariana, foram fundadas algumas sociedades voltadas para a exploração mecanizada das minas de ouro nos arredores de Bento Rodrigues, como a Sociedade de Mineração Morro do Fraga, em 1915, e a da Fazenda Mirandinha, em 1932 (UFMG/ICOMOS, 2019, p. 68-69). E muitas ferramentas e peças de ferro necessárias a esta extração eram

fornecidas pela metalurgia situada na fazenda Timbopeba, em Mariana, fundada no século anterior. Nos dois casos, mais uma vez, as minhas águas viabilizavam toda essa produção. Já na década de 1940, iniciou-se a produção de alumínio primário em Ouro Preto, através da Elquisa, que passou ao controle acionário da Alcan Inc., em 1950 e em 1958 mudou sua razão social para Alumínio Minas Gerais S.A. Em 1962, a empresa foi autorizada a fazer prospecções e a pesquisar bauxita e quartzo nos terrenos de propriedade da Sociedade Mineração Morro do Fraga, em Bento Rodrigues (UFMG/ICOMOS, 2019, p. 69).

Ao mesmo tempo, a cidade de Mariana consolidava-se como importante sede religiosa, tendo sido alçada, em 1906, ao patamar de Arquidiocese (COSTA, 2012). A conjuntura, porém, mostrava-se arriscada para a Igreja Católica: ela perdeu privilégios econômicos e políticos com o fim do Padroado e era duramente criticada pelas novas correntes intelectuais, a exemplo de liberais e cientificistas. As autoridades eclesiais consideravam necessário reagir, e novas capelas e matrizes paroquiais foram sendo construídas, como a igreja de Santo Antônio, em Paracatu de Baixo, e a de Nossa Senhora da Conceição, no povoado de Gesteira, município de Barra Longa, datada de 1891. Paralelamente, a Igreja apoiava manifestações devocionais, desde que devidamente orientadas por um sacerdote e mantidas em afinidade com sua doutrina religiosa.

Um importante exemplo dessas manifestações eram as festas dedicadas a Nossa Senhora do Rosário, nas quais os congados eram presença obrigatória.



Tais celebrações eram promovidas desde o período colonial, quando músicos acompanhavam os cortejos com marimbas de arco dotados de ressoadores de cabaça e com caixas (tambores tensionados por cordas em “V” e percutidos com baquetas). Esses tambores são investidos pelos congadeiros de um caráter sagrado, vindo a evocar, por meio de seus toques, os antepassados africanos para proteção espiritual da comunidade. Aos poucos, as congadas foram perdendo seu vínculo com as irmandades negras e atualmente várias mantêm diálogos com movimentos e coletivos negros (MONTEIRO; DIAS, 2010).

Outra expressão musical existente no entorno de minha baía é a das bandas de música, que foram antecedidas, nos séculos anteriores, pelos “grupos de barbeiros”. As bandas surgidas desde meados do século XIX inspiravam-se no modelo militar, com uso de uniforme e um repertório com predomínio das marchas. Através da música, era possível resistir mais e melhor às durezas e desafios da vida.



G U A L A X O
V I V O

HISTÓRIAS ATRAVÉS DE SONS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

COSTA, Manuela Areias. *A Primeira República na “Cidade dos Bispos” (Mariana-MG, 1889-1930)*. *Outros Tempos*, v. 9, n, 13, p. 213-227, jul. 2012.

UFMG/ICOMOS. *Dossiê de tombamento de Bento Rodrigues*. Belo Horizonte, maio 2019. Disponível em: <http://patrimoniocultural.blog.br/wp-content/uploads/2019/06/DOSSIE-BENTO-ICOMOS-2019.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2019.

MONTEIRO, Marianna F. M.; DIAS, Paulo. *Os fios da trama: grandes temas da música popular tradicional brasileira*. *Estudos Avançados*, n. 24, v. 69, p. 349-371, 2010.

G U A L A X O
V I V O

HISTÓRIAS ATRAVÉS DE SONS